

MINHA CASA, MINHA SINA

REPORTAGEM

LUÃ MARINATTO E RAFAEL SOARES

EDIÇÃO

GIAMPAOLO MORGADO BRAGA

ARTE

FELIPE NADAES

DESIGN

WILLIAM BATISTA

QUANDO A OPRESSÃO VEM DOS DOIS LADOS

Moradores de condomínios em Senador Camará convivem com milícia e tráfico ao mesmo tempo

HOJE, Bruno* não tem onde morar. No último dia 19, após a Prefeitura do Rio desocupar o sobrado que havia invadido com outras 19 famílias na Gamboa, Zona Portuária do Rio, ele juntou os bens que acumulou em 38 anos de vida e dormiu com as quatro filhas numa esquina do Centro. Em 2012, porém, o camelô era um dos 2 mil agraciados com imóveis nos seis condomínios do programa "Minha casa, minha vida" em Senador Camará, Zona Oeste, de onde foi expulso por criminosos. Os conjuntos são os únicos da cidade que são alvo tanto do tráfico quanto da milícia, como o EXTRA

"SE VOCÊ CUIDA DA FAMÍLIA, ACEITA. OU SAI, OU MORRE"

mostra no sexto capítulo da série "Minha casa, minha sina". Bruno foi obrigado a deixar seu apartamento um ano depois da mudança, quando traficantes da região descobriram que ele havia crescido no Morro da Providência, no Centro. As favelas Taquaral, Vila Aliança, Rebu e Sapo — todas situadas

no entorno dos conjuntos Destri, Taroni, Ayres, Vidal, Vaccari e Speranza — são ocupadas por uma facção rival à que atua na região central da cidade.

— Não queria sair para não deixar minhas filhas dormindo na rua. Mas tinha que obedecer a ordem do tráfico. Se você quita da sua família, tem que sair. Ou sai, ou morre — conta o camelô, sentado na rua entre quadros, uma máquina de lavar, colchões e uma pasta repleta de papéis, onde está sua maior esperança de ter de volta o teto que perdeu para o crime: seu contrato com a Caixa Econômica Federal.

Segundo dados do banco estatal, obtidos via Lei de Acesso à Informação, o condomínio Ayres, onde vivia Bruno, é recordista em ações de reintegrações de posse: são 59, de um total de 73 no município do Rio. Entre os seis de Senador Camará, o conjunto — o último em relação à via principal, a Avenida de Santa Cruz — é o que mais sofre com a ação do crime.



Bruno e seus pertences, após desocupação feita pela prefeitura: antes, ele fora expulso pelo tráfico

Mesmo com a presença do tráfico, moradores afirmam que são obrigados a pagar uma taxa mensal de R\$ 10 a milicianos. As desavenças entre vizinhos podem ser intermediadas tanto pelos traficantes quanto pelos paramilitares — que, por vezes, acabam em lados opostos.

Cinco dias após encontrar o EXTRA, Bruno e as filhas foram viver de favor numa casa na Gamboa. O camelô não foi o único oriundo da Providência expulso do Ayres. Outras quatro famílias deixaram seus imóveis por ordem dos traficantes, mas só uma vítima registrou ocorrência na 34ª DP (Bangu).

A mulher contou que, em 26 de abril de 2012, seu apartamento "foi invadido por cerca de dez indivíduos, muitos deles armados de pistola, que queriam saber de que localidade a comunicante vinha". Após informar sua origem, recebeu a ordem para deixar o conjunto, "caso contrário seria morta".

Espancada e roubada

► A aposentada Rose*, de 67 anos, sentiu na pele os efeitos do domínio criminoso no Ayres. Há cerca de um ano, ela discutiu com uma vizinha, ocupante ilegal de um apartamento ao lado do seu. A mulher, que seria ligada a traficantes da região, acabou desferindo vários golpes na idosa com uma garrafa de cerveja. Rose levou pontos no rosto e na cabeça e até hoje sente dores no nariz.

Dias depois, um rapaz com uma pistola na cintura bateu em sua porta. Apresentando-se como traficante da Favela do Sapo, contou ter sido chamado

devido à confusão anterior. Ele deixou a casa levando R\$ 400 que estavam sobre um móvel da sala, separados para pagar contas. Com a arma no rosto da idosa, avisou que voltaria se alguém descobrisse o roubo.

Rose ainda receberia nova visita. Dessa vez, dois homens se dizendo "responsáveis pela segurança no conjunto" lhe ofereceram ajuda, pois a aposentada pagava em dia os R\$ 10 de taxa. Ao sair, dirigiram-se ao apartamento da vizinha, que ficou três dias sem aparecer no condomínio. Desde então, Rose não voltou a ser incomodada.

RADIOGRAFIA DO CONJUNTO

Legenda

Inquéritos concluídos ou em andamento

Processos de reintegração de posse que correm na Justiça

Registros de ocorrência

Relatos de moradores ouvidos pelo EXTRA

Residenciais Destri, Taroni, Ayres, Vidal, Vaccari e Speranza

BAIRRO	Senador Camará	Tráfico
PROBLEMAS		Milícia
APARTAMENTOS		2.201
FAMÍLIAS		2.185
CUSTO DA OBRA	R\$ 112.245.136	
INAUGURAÇÃO	Dezembro de 2011	
CONDOMÍNIOS	6	

Fontes: Caixa Econômica Federal, Disque-Denúncia, Ministério das Cidades, Ministério Público do Rio, Polícia Civil e Secretaria Municipal de Habitação

'Moro na rua, mas para lá eu não volto'

DEPOIMENTO

BRUNO*
Morador expulso do condomínio Ayres

► Morei dois anos em Senador Camará. Quando me mudei, minha esperança era dar uma vida melhor para minhas quatro filhas. Fiquei muito feliz, nunca tinha morado numa casa de verdade. Via os bandidos andando por lá de fuzil, metralhadora... Todas as armas que você possa imaginar eles tinham, mas não achava que aconteceria alguma coisa comigo. Um dia, desconfiaram das minhas tatuagens, perguntaram se eu era bandido. Eu disse que não. Mas logo começaram a perguntar da minha vida e eu disse que era da Providência. Sai de lá sem nada, só eu e minhas quatro filhas. Hoje, vivo na rua e, às vezes, consigo passar algum tempo morando de favor. Não volto para lá nunca mais. Moraria em qualquer lugar, menos lá.

AMANHÃ

Sem moradores, conjunto em Guadalupe tem polícia 24h.

Pezão e Cardozo prometem 'intensificar ação'

► O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, e o governador Luiz Fernando Pezão participaram ontem de uma reunião, no Palácio Guanabara, para tratar da influência do crime organizado sobre o programa "Minha casa, minha vida" no município do Rio. Desde domingo, o EXTRA vem mostrando que todos os 64 condomínios de faixa 1 — voltada para famílias mais po-

bres — são alvo da ação do tráfico ou de milícias na cidade.

— Há uma decisão conjunta de intensificar ações e reforçar as equipes com a definição dos procedimentos acertados hoje (ontem) — disse Cardozo, sem detalhar prazos: — Na área de segurança pública, o melhor é agir e depois prestar contas.

Também estiveram no encontro o secretário de Segurança José Mariano Beltrame; o co-

mandante-geral da PM, coronel Alberto Pinheiro Neto; a secretária Nacional de Segurança Pública, Regina Miki; e representantes das polícias Civil e Federal, do Ministério das Cidades e da Caixa Econômica.

— Vamos checar os contratos e as pessoas que moram nos apartamentos, e facilitar para que moradores informem sobre problemas e façam denúncias — prometeu Pezão. x



Pezão e Cardozo: parceria

"NÃO É UM PROBLEMA FÁCIL DE SER RESOLVIDO, MAS VAMOS AMPLIAR NOSSOS ESFORÇOS"

Ministro José Eduardo Cardozo

Após a reunião com Pezão e outras autoridades

"QUE NOME VOCÊ DÁ QUANDO A MILÍCIA E O TRÁFICO ANDAM JUNTOS? A GENTE FICA AO DEUS DARÁ"

João*

Morador do condomínio Ayres